Ubirajara

José de Alencar

A época: contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 — e sua permanência na colônia até 1821 — determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

Num primeiro momento:

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Em 1822:

- a Independência do Brasil, que teve como consequência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasílicas;
- o início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

De 1831 a 1840:

- o Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845.
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado Imperador do Brasil no ano seguinte.

De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:

- De 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;
- De 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;

- De 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio — como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora — ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais — como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Sílvio Romero.

Constituem exceção os escritores de origem humilde: Manuel Antônio de Almeida é um deles.

A estética romântica: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultra-Romantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
- o predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
- o desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
- a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
- na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
- no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
- na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
- na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultra-românticos;
- a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcade;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
- a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe etc.

Aspectos da prosa romântica brasileira

Data o Romantismo brasileiro de 1836, e sua prosa apresenta, bem definidas,

características estéticas em que se marca um "nacionalismo literário", identificado tanto no indianismo alencariano quanto na prosa de conotação histórica e de ambientação regionalista — em que também se coloca José de Alencar, ao par de autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O Romantismo marca um período em que se inicia uma atividade literária voltada para os valores nacionais: há quem se interesse por aquilo que é nativo; tem-se, assim, o indianismo, já que nossa cultura nativa é a indígena. Por outro lado, faz-se também uma leitura da sociedade urbana fluminense incipiente, que sucede à observação dessa cultura nativa.

Desse modo, a prosa romântica apresenta uma riqueza temática de grande valor histórico e mesmo literário. Enquanto o Ceará — em *Iracema* — e o interior do Rio — em *O guarani* — instituem-se como cenários de uma gênese da brasilidade e a região confluente entre Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás

representa um espaço preferencial no âmbito regionalista, o Rio de Janeiro desponta como centro de referência para os escritores da prosa romântica urbana.

Evidencia-se o interesse dos prosadores em pintar as cores locais, enfocando o espaço, o homem brasileiro, em busca do registro de uma cultura nativa (aborígine, indianista), sem, entretanto, deixar de observar os costumes e comportamentos de uma sociedade que se forma tanto no ambiente rural, como se vê em *Inocência*, como urbana, registrada, por exemplo, em *Senhora*. Essa é a razão do aparecimento da produção literária indianista, da regionalista e da urbana.

O indianismo: nacionalismo à brasileira

A valorização do índio foi um dos aspectos mais presentes em nossos românticos no que se refere ao propósito de afirmação da nossa nacionalidade. Afinal, tratava-se de exaltar aquele que era considerado o produto mais genuíno da terra brasílica.

Assim, Gonçalves Dias, na poesia, e José de Alencar, na prosa, buscaram enaltecer as tradições, a valentia e a honra dos silvícolas que habitavam a terra quando aqui chegou o homem branco. Para tanto, era mister estudar-lhes a vida, os hábitos, os costumes, a linguagem. Deve-se em grande parte a esses escritores a presença, hoje, de inúmeras palavras e expressões indígenas na língua portuguesa falada no Brasil.

A prosa alencariana indianista valoriza o que o Brasil tem de natural, de nativo, e não apenas exalta essa *brasilidade*, como também equipara a flora, a fauna e o silvícola à "modernidade" europeia.

Para melhor entender a obra indianista de Alencar, é necessário observar a sequência temporal que existe no enfoque do indígena: *Ubirajara* trata do índio no período pré-cabralino; *Iracema* aborda o contato do índio com o colonizador e *O guarani* abrange a fase de colonização do Brasil. Desta forma, *Ubirajara* marca uma ficção que observa a realidade de um Brasil anterior a Cabral, de um nativismo inocente, sem a "mácula" de qualquer outra civilização.

Não se deve, porém, confundir a ordem desse enfoque com uma cronologia de produção do autor: *Ubirajara*, que fala do Brasil anterior a Cabral, foi escrito em 1874, depois de *O guarani* e *Iracema*; por sua vez, *O guarani* foi o primeiro a ser produzido — data de 1855 — e trata do período mais recente, a colonização, enquanto *Iracema* — de 1865 — se refere aos primeiros contatos entre o índio e o branco.

Ubirajara , também por ser a última das obras indianistas que Alencar produziu,

pôde ser elaborada de acordo com um ponto de vista crítico muito mais severo e rigoroso e foi, também, orientada por uma acurada pesquisa do autor sobre a vida e os costumes indígenas. Neste livro, o grande escritor buscou afastar-se da visão estereotipada a respeito dos silvícolas — tidos praticamente como animais —, apresentando-os como uma civilização não-ocidental que apenas tinha tradições, crenças e hábitos diferentes dos brancos que aqui chegaram.

No prefácio da obra *Sonhos d' Ouro*, um de seus últimos romances, Alencar esclarece sua posição quanto à sua temática indianista, como se vê no excerto seguinte:

"O período orgânico desta literatura conta já três fases.

A primitiva, que se pode chamar de aborígine, são as lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infância do povo, ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou.

Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que venceram na terra da pátria a mãe fecunda — alma mater, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido.[...]

É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a Independência.

A terceira fase, a infância de nossa literatura, ainda não terminou; espera escritores que lhe deem os últimos traços e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões, hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço."

Também o prefácio de *Ubirajara* — chamado de "Advertência" — é importante e esclarecedor para que se entenda a intenção de seu autor especificamente nesta obra:

"Este livro é irmão de Iracema. Chamei-lhe lenda como ao outro. Nenhum título responde melhor pela propriedade, como pela modéstia, às tradições da pátria indígena.

Quem por desfastio percorrer estas páginas, se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, há de estranhar em outras coisas a magnanimidade que ressumbra no drama selvagem a formar-lhe o vigoroso relevo.

Como admitir que bárbaros, quais nos pintaram os indígenas, brutos e canibais, antes feras que homens, fossem suscetíveis desses brios nativos que realçam a dignidade do rei da criação?

Os historiadores, cronistas e viajantes da primeira época, senão de todo o período colonial, devam ser lidos à luz de uma crítica severa. É indispensável sobretudo escoimar os fatos comprovados, das fábulas a que serviam de mote, e das apreciações a que os sujeitavam os espíritos acanhados, por demais imbuídos de uma intolerância ríspida."

José de Alencar: o grande romancista do Romantismo brasileiro

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, Ceará, no ano de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1877. Mudou-se para o Rio com a família ainda na infância. Em 1843, vem para São Paulo, estudar Direito. Apaixonou-se logo pela Literatura: enquanto cursava a faculdade em São Paulo, dedicava-se à leitura de romances românticos franceses, que mais tarde influenciariam sua arte. Formado, foi para o Rio, para a Corte, onde conciliou as atividades de advogado com a atuação na imprensa, chegando a diretor do *Diário do Rio de Janeiro*. Lá divulgaria seus primeiros romances, como *O Guarani*, publicado em 1857, primeiramente em folhetim e depois em volume, no mesmo ano.

Filho de um ex-padre que era também político — seu pai, José Martiniano, foi duas vezes presidente da Província do Ceará e senador do Império —, Alencar interessou-se pela política e chegou a Ministro da Justiça. Eleito deputado provincial pelo Ceará, foi preterido por D. Pedro II na indicação para senador e, ressentido, afastou-se da vida pública. Como político, assumiu sempre posições conservadoras, inclusive em relação ao problema da escravidão.

Sua carreira literária, apesar de pontuada pelas polêmicas em que se envolvia, foi intensa e bem-sucedida. Alencar foi escritor de amplo alcance e sua obra estabeleceu o que propriamente se pode chamar de *romance nacional*, não obstante tenha havido um Joaquim Manuel de Macedo. Sua verve produziu 21 romances, sendo *Senhora*, *Iracema* e *Lucíola*, consideradas obras-primas.

O crítico Antônio Cândido aponta-nos três "Alencar": o das personagens altruístas, despojadas de maus sentimentos, heróicas — caso em que se inclui *Ubirajara*; aquele das mocinhas apaixonadas, dos namoros complicados, isto é, que trabalha com a complicação sentimental e destaca a mulher como figura central —os *romances de salão* — e, por fim, o Alencar de *Senhora* e de *Lucíola*, com seus personagens "dotados de amadurecimento interior e de complexidade psicológica inexistente nos heróis, vilões, donzelas e mancebos lineares e previsíveis."

De qualquer modo, seja qual for o Alencar tratado, será o grande ficcionista romântico, que teve no romance o ponto alto de sua produção artística e usou sua arte para conhecer e mostrar melhor a cultura de sua terra, pela qual era absolutamente apaixonado.

O enredo

Produzido em 1874, *Ubirajara* apresenta a história de um herói indígena que, ao longo de seu crescimento pessoal e como guerreiro, assume três nomes diferentes, os quais simbolizam essa evolução: Jaguarê, Ubirajara e Jurandir.

A história começa quando a personagem-título ainda se chama Jaguarê — nome de caçador, que o identifica como mais forte que o jaguar. Jaguarê é filho do cacique Camacã, chefe da valente nação dos araguaias, e procura um outro guerreiro, de outra tribo, com quem possa lutar e a quem possa vencer, a fim de merecer o título de guerreiro e trocar de nome, conforme o costume silvícola.

Assim, percorre as demais nações indígenas à procura de valentes guerreiros. Passam-se, no entanto, três dias sem que consiga seu intento. Quando surge alguém, não é um guerreiro, mas uma mulher: Araci, filha de Itaquê, chefe da grande nação tocantim:

"Avistando uma mulher, a alegria do mancebo apagou-se no rosto sombrio.

Pela faixa cor de ouro, tecida das penas do tucano, Jaguarê conheceu que era uma filha da valente nação dos tocantins, senhora do grande rio, cujas margens ele pisava.

A liga vermelha que cingia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jamais possuíra a virgem formosa.

A corça veio cair aos pés de Jaguarê, atravessada pela flecha certeira da jovem caçadora que a seguia de perto.

A virgem reconheceu o cocar da nação que na última lua chegara aos campos do Taarie da qual os pajés tinham dado notícia.

— Guerreiro araguaia**,** pois vejo pela pena vermelha de teu cocar que pertences a essa nação valente; se pisas os campos dos tocantins como hóspede, bem-vindo sejas; mas se vens como inimigo, foge, para que tua mãe não chore a morte de seu filho e tenha quem a proteja na velhice.

— Virgem dos tocantins, Jaguaré já soltou seu grito de guerra. Ele pisa os campos de teus pais como senhor. Tu és sua prisioneira. Não que vencer a corça tímida seja glória para o caçador; mas tu chamarás o inimigo que ele espera.

— Se o veado te der a sua ligeireza, jovem guerreiro, ela não te servirá senão para ver o rasto de meu pé antes que o vento o apague."

Araci foge, correndo; Jaguarê, notando que não a alcançaria, atira-lhe uma flecha e a índia, então, identifica-se:

"A linda caçadora desferiu a corrida pela imensa campina. Após ela se arremessou Jaguarê que muitas vezes vencera o tapir.

Mas a virgem dos tocantins corria como a nandu no deserto, e o caçador conheceu que seu braço nunca a poderia alcançar.

Travou do arco e o brandiu. A seta obedeceu-lhe, pregando no tronco do açaí a faixa que flutuava ao sopro do vento.

— A filha dos tocantins tem no pé as asas do beija-flor; mas a seta de Jaguarê voa como o gavião. Não te assustes, virgem das florestas; tua formosura venceu o ímpeto de meu braço e apagou a cólera no coração feroz do caçador. Feliz o guerreiro que te possuir.

— Eu sou Araci, a estrela do dia, filha de Itaqué, pai da grande nação tocantim.

— Cem dos melhores guerreiros o servem em sua cabana para merecer que ele o escolha por filho. O mais forte e valente me terá por esposa. Vem comigo, guerreiro araguaia, excede aos outros no trabalho e na constância, e tu romperás a liga de Araci na próxima lua do amor.

Jaguarê explica-lhe que não está procurando uma mulher, mas um guerreiro com quem lutar, e esclarece-lhe que já tem, em sua tribo, uma noiva que o espera, Jandira:

"— Não, filha do sol; Jaguarê não deixou a taba de seus pais onde Jandira lhe guarda o seio de esposa, para ser escravo da virgem. Ele vem combater e ganhar um nome de guerra que encha de orgulho a sua

nação. Torna à taba dos tocantins e dize aos cem guerreiros cativos de teu amor, que Jaguarê, o mais destemido dos caçadores araguaias, os desafia ao combate.

— Araci vai, pois assim o queres. Se fores vencido, ela guardará tua lembrança, pois nunca seus olhos viram mais belo caçador. Se fores vencedor, será uma alegria para a virgem do sol pertencer ao mais valente dos guerreiros.

A virgem disse e desapareceu na selva. Os olhos de Jaguarê seguiram o passo ligeiro da formosa caçadora, como o guaxinim que rasteja a zabelê.

Quando ela desapareceu o jovem caçador recostou-se ao tronco da emburana e esperou."

Araci parte e logo após aparece um guerreiro tocantim, a quem Jaguarê logo desafia:

" Do outro lado da campina assoma um guerreiro.

Tem na cabeça o canitar das plumas de tucano, e no punho do tacape uma franja das mesmas penas.

É um guerreiro tocantim. De longe avistou Jaguaré e reconheceu o penacho vermelho dos araguaias.

As duas nações não estão em guerra; mas sem quebra da fé pode um guerreiro, cansado do longo repouso, oferecer a outro guerreiro combate leal.

Quando o tocantim armou o arco, Jaguarê já tinha brandido o seu e disparado no ar uma seta, mensageira do desafio.

Respondeu o guerreiro disparando também uma flecha no ar, para dizer que aceitava o combate.

Então os dois campeões caminharam um para o outro com o passo grave e pararam frente a frente.

— Eu sou Jaguaré, filho de Camacá, chefe da valente nação dos araguaias, que vem de longe em busca da terra de seus pais. Minha fama corre as tabas e tu já deves conhecer o maior caçador das florestas. Mas Jaguaré despreza a fama do caçador; ele quer um nome de guerra, que diga das nações a força de seu braço e faça tremer aos mais bravos. Se tua nação te aclamou forte entre os fortes, prepara-te para morrer; se não, passa teu caminho, guerreiro vil, para que o sangue do fraco não manche o tacape virgem de Jaguarê.

O guerreiro é Pojucã, o terrível matador de gente, guerreiro chefe da nação tocantim. Diz que há três luas não combate, e que seu tacape tem "fome do inimigo". Acrescenta ainda que, embora Jaguarê não seja digno dos golpes de um guerreiro chefe, ele se compadece e concorda em combater com Jaguarê.

Os dois lutam; a luta é terrível e feroz, porém, digna: lutam durante todo o dia, sem se cansarem, até a tarde. E constatam, admirados, que ainda podem lutar a noite inteira:

"Já a sombra se desdobrava pelo vale fora e o sol despedia-se dos cimos dos montes, sem que os campeões se movessem.

Por fim afrouxaram os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversário. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga.

Conheceram que podiam lutar corpo a corpo, a noite inteira, sem que um prostrasse o outro.

— Tu és igual na valentia e na força ao guerreiro chefe da nação tocantim. Mas Pojucã não consente que haja na terra quem resista a seu braço. E preciso que tu morras, Jaguarê, para que ele seja o primeiro dos guerreiros que o sol alumia.

— Pojucã, matador de gente, guerreiro feroz da nação tocantim, Jaguarê deixou-te viver até este momento para saber se tu eras digno de dar-lhe um nome de guerra. Agora que te conhece como o primeiro dos guerreiros que existiram até este momento, ele quer que tua derrota seja a sua primeira façanha."

Depois de muito lutarem, nenhum dos dois vence o outro:

"A noite veio achá-los na mesma posição. Três vezes cessaram a luta, e de novo a travaram. Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro."

Então, arremessam a lança de Jaguarê a uma distância dos dois: ambos devem correr, alcançar a lança e atirar-se contra o adversário. Jaguarê vence seu inimigo e dá o grito do triunfo:

"Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente."

Transforma-se, assim, em **Ubirajara**, o "Senhor da Lança". A taba araguaia festeja seu bravo guerreiro, que conta a todos a história de sua luta contra Pojucã. As mulheres assistem a tudo de longe, pois não podem participar da festa. A virgem Jandira, noiva de Jaguarê — agora, Ubirajara —, está entre elas, e

sente-se orgulhosa de seu futuro senhor, ao mesmo tempo que frustrada por não poder encher-lhe a taça de vinho espumante, fabricado por ela.

Jandira supõe ter passado a última noite na cabana de seu pai e prepara-se para o casamento. Espera pelo noivo o dia todo, e ele não aparece. Ela, então, resolve procurá-lo.

Ubirajara vagava pelo escuro da mata. Tinha sonhado com Araci, que lhe dissera, no sonho:

"— Jaguarê, jovem caçador, tu dormes descansado enquanto os guerreiros tocantins se preparam para roubar a virgem dos teus amores. Ergue-te e parte, se não queres chegar tarde."

Jandira encontra Ubirajara e pergunta-lhe a razão de ter-se afastado dela.

Ele diz que a tristeza lhe entrara no coração e não podia mais dizer-lhe palavras de alegria. Acrescenta que não chegara ainda o dia em que ele escolheria uma esposa:

"— Filha de Majé, doce virgem, ainda não chegou o dia em que Ubirajara escolha uma esposa; nem ele sabe ainda qual o seio que Tupã destinou para gerar o primeiro filho do grande chefe dos araguaias."

Jandira compreende que o amor de Ubirajara não lhe pertencia mais. E que deveria defendê-lo, para não perdê-lo:

"Então escondeu a dor no fundo da alma e chamou o riso a seus lábios, a alegria a seus olhos.

Ela sabia que os guerreiros amam a flor da formosura, como a folhagem da árvore; e que a tristeza murcha a graça da mais linda virgem.

— Chefe dos araguaias, Ubirajara, não desprezas Jandira que outrora escolheste para tua noiva. Se então ela era formosa a teus olhos, mais formosa se fará para merecer teu amor. Tu gostavas de seus cabelos negros que arrastam no chão; ela os entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais bonitos. Seus olhos negros que te falavam, ela os cercará de uma listra amarela como os olhos da jaçanã. Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que bebas nela o contentamento.

Jandira esperou a palavra de Ubirajara; mas os lábios mudos do guerreiro não se abriram.

— Teu amor, Ubirajara, ficará em meu seio como a flor no vale. Jandira te dará muitos filhos e todos dignos de teu valor. Nestes peitos que te pertencem, ela os nutrirá com seu sangue, não menos guerreiro do que o teu; porque é o sangue de Majé, o maior dos anciões, depois de Camacà. Seus braços, que outrora querias para tua cintura não servirão unicamente para te abraçarem, mas também para te servirem. Tua esposa te acompanhará por toda parte, na taba, como no campo do combate; ela cuidará de tua cabana; aprontará as mais saborosas iguarias para seu guerreiro, e fabricará para ele o vinho, que é a alma da festa."

Ubirajara responde-lhe com sinceridade:

— Jandira é a mais bela das virgens araguaias. Seu amor fará a ventura de um guerreiro valente. Ubirajara não podia achar para si uma esposa mais fiel; nem para seus filhos outra mãe tão fecunda. Mas a noite desceu em sua alma. Só a estrela do dia pode restituir-lhe a alegria que o abandonou. A filha de Majé merece um guerreiro que tenha olhos para a sua formosura.

Durante esse tempo, Pojucã se sentara pensativo e triste na frente da cabana que lhe fora destinada na taba inimiga. Sem abrir mão de seu orgulho e altivez, pergunta a Ubirajara por que este não lhe dera o alívio de ser sacrificado.

Ubirajara responde-lhe que estava esperando que sua ferida sarasse totalmente, para que Pojucã pudesse sustentar sua fama de grande guerreiro no dia de seu último combate. Explica-lhe também que é costume de seu povo destinar ao guerreiro valente vencido uma esposa — a "esposa do túmulo" —, para que ela possa conceber um filho e aumentar o valor de sua tribo. E destina-lhe Jandira, para que ela seja sua "esposa do túmulo". Jandira tenta fugir, mas Ubirajara a segura:

"— Ubirajara parte, mas ele voltará para assistir ao teu suplício e vibrar-te o último golpe. Pojucã terá a honra de morrer pela mão do mais valente guerreiro."

Jandira diz a Pojucã que não pertencerá a outro que não seja Ubirajara e ele, por sua vez, responde-lhe que não precisa do amor dela. Mesmo sabendo que pode morrer por ter-se recusado a Pojucã, Jandira sai, desejando-lhe uma boa esposa. Vai para a floresta. Lá, entoa um canto de tristeza, belo e comovente:

"— Eu fui Jandira, a linda abelha, que fabricava os favos de cera para enchê-los de mel saboroso.

Agora arrancaram-me as minhas asas com que eu voava pela campina colhendo o pó das flores e secou a doçura de meu sorriso.

[...]

Agora sou como a juçara que perdeu a folha, e só tem espinhos para ferir aqueles que se chegam."

Ubirajara reúne o conselho da tribo e comunica sua decisão de oferecer Jandira como "esposa do túmulo" a Pojucã. Os anciãos concordam. Ele diz também que vai partir e só retornará para o suplício de Pojucã.

Ubirajara entra na taba dos tocantins e é recebido como hóspede pelo grande chefe. Após o banquete de boas-vindas, o conselho dos tocantins discute que nome dar ao hóspede, a fim de que não seja necessária sua identificação; decidem que ele deve escolher seu próprio nome e Ubirajara o faz:

"Eu sou aquele que veio trazido pela luz do céu. Chama-me Jurandir."

Araci chega e vê Ubirajara; conclui que ele viera por sua causa e não queria ser identificado. Alegra-se quando ele recusa as virgens oferecidas para agradar-lhe e declara que viera à cabana de Itaquê — pai de Araci — para buscar uma esposa.

Ubirajara-Jurandir vai até Itaquê e pede-lhe permissão para que ele a mereça através da dedicação ao trabalho e da disputa com outros guerreiros.

Com a resposta afirmativa de Itaquê, Ubirajara-Jurandir deixa de ser considerado hóspede e passa a fazer parte da cabana de Itaquê, devendo trabalhar para servir ao pai de sua futura esposa. Dedicado, prova com atitudes e bravuras que é digno da noiva, trazendo sempre a melhor caça e peixe para Itaquê. Enquanto isso, encontrava-se com Araci no fundo do rio, enquanto conseguiam prender a respiração, durante o banho, às escondidas dos outros pretendentes dela.

Um dia, Ubirajara-Jurandir percebe rastros de Jandira na floresta. No dia seguinte, segura-a, quando ela tenta atacar Araci. Ele acha que Jandira deve morrer, mas Araci afirma que ela lhe pertence agora, por ter ameaçado sua vida:

"A virgem araguaia ameaçou a vida de Araci; ela lhe pertence."

Ubirajara entrega Jandira como escrava a Araci. Depois de discutirem, sozinhas, Araci oferece-lhe a liberdade, mas Jandira não aceita.

Finalmente, chega o dia em que os pretendentes de Araci devem disputar sua posse no combate nupcial. Ubirajara torna-se vencedor outra vez e, para merecer a noiva, submete-se a mais uma prova, deixando-se picar por saúvas famintas. Enquanto suporta a dor, sorrindo, entoa um canto de amor por Araci.

A última prova é a "prova da virgem", que Araci deixa Ubirajara vencer, pois se ela o vencesse — e é mais veloz do que ele —, significaria que o noivo não era de seu agrado:

"Quando mostrou a todos que Jurandir não a alcançaria nunca, se ela quisesse fugir-lhe, reclinou a cabeça para esconder o rubor.

Jurandir abriu os braços e recebeu a esposa que se entregava a seu amor.

O guerreiro suspendeu a virgem formosa ao colo; e levou-a à cabana do amor que construíra à margem do rio.

[...]

Araci foi buscar a rede nupcial, que ela tecera de penas de tucano e arara; e Jurandir conduziu os utensílios da cabana.

Então o estrangeiro sentou-se com a virgem no terreiro e, antes de passar a soleira da porta, revelou a Araci quem era o guerreiro que ela aceitara por esposo."

Os noivos estão no meio de um doce diálogo de amor e preparam-se para entrar na cabana, quando são interrompidos por alguns guerreiros: o estrangeiro era chamado por Itaquê. Os anciões haviam decidido que, antes de receber a esposa, o noivo devia dizer quem era, já que fora recebido como estrangeiro.

Itaquê interroga Ubirajara, que lhe conta quem é e também sua luta com Pojucã, filho de Itaquê. Declara, ainda, que partirá no sol seguinte, para assistir ao suplício do chefe guerreiro. A narrativa não foi interrompida:

"Ninguém interrompeu a maranduba de guerra. Ubirajara ouviu um gemido; mas não soube que rompera do peito de Araci.

Itaquê arquejou como o rio ao peso da borrasca.

— Tu és Ubirajara, senhor da lança. Eu sou Itaquê, pai de Pojucã! Tenho em face o matador de meu filho. Mas ele é meu hóspede!"

Ubirajara diz que aceita desafio de Ipojucã ou de qualquer dos seus guerreiros, mas o cacique não aceita: fiel à lei da hospitalidade, não admite sequer que Ubirajara seja molestado por alguém. Ordena-lhe, então, que reúna seus guerreiros e lute contra os tocantins por Araci. Ubirajara aceita.

Movida pelo amor de irmã e de esposa, Araci prepara-se para acompanhar o marido: pensa que o amor poderia levá-la a salvar Pojucã. Ubirajara, porém, diz-lhe que fique: ele não desatara sua liga de virgem e, assim, ela não poderia abandonar a cabana de seu pai. Antes de partir consola-a:

"— Ubirajara vai pedir ao gavião suas asas para voltar ao seio de Araci. Ele virá à frente de sua nação, conduzido pela luz de teus olhos.

[...]

Quando o guerreiro desapareceu na floresta, Araci caminhou para a cabana do esposo, que ficara triste e solitária.

A virgem fechou a porta; sentou-se na soleira e cantou sua tristeza."

Chegando à nação araguaia, Ubirajara manda trazer Pojucã à sua presença e liberta-o, para que ele possa lutar ao lado de seu povo. Pojucã recusa a liberdade, alegando que não merece tal desonra. Ubirajara insiste, contando ao outro a maranduba da hospitalidade. Pojucã parte.

A nação araguaia parte para a guerra contra os tocantins, mas, ao vir pela margem do grande rio, Ubirajara percebe que uma nação tapuia está se preparando para atacar a tribo de Itaquê. Ubirajara envia aos tapuias um cantor — mensageiro a quem Tupã concedeu a fonte da alegria e, portanto, a quem ninguém ousa atacar. Por meio dele, fica sabendo que os tapuias estão ali por vingança, pois Pojucã tinha invadido sua taba e incendiado a cabana do pajé, que morrera queimado.

Ubirajara envia o cantor a Itaquê e recebe como resposta a confirmação de que os tapuias agiam por vingança e que os tocantins não podiam recusar-se a combatê-los, mas que Itaquê mantinha sua palavra e lutaria contra as duas tribos, se Ubirajara assim o desejasse. Ubirajara resolve esperar a luta entre tapuias e tocantins.

Itaquê e Cranican, o chefe dos tapuias, lutam. Itaquê o está vencendo, quando um curumim, filho mais novo de Cranican, atira duas flechas certeiras nos olhos de Itaquê. Cego e escorrendo sangue, Itaquê mata Cranican e procura a própria morte, sacudindo o crânio do inimigo nas mãos. Mas os tapuias fogem e, a mando de Ubirajara, o curumim é preso e levado para ser o guia do agora cego Itaquê.

O curumim é mandado a Itaquê, que prefere libertá-lo. Os guerreiros mais fortes e valentes da tribo tentam empunhar o arco de Itaquê e disparar a seta, mas nenhum consegue. Pojucã consegue, mas não como o pai.

Voltam os tapuias a atacar, agora tendo à frente o irmão de Cranican, sedento de vingar sua morte. Sem um líder, os tocantins decidem acatar o que Itaquê, impossibilitado de liderá-los, resolvesse. E vão até Ubirajara, propondo-lhe que empunhe o arco de Itaquê.

Ubirajara consegue dobrar o arco de Itaquê e torna-se o chefe dos tocantins, que se uniram à nação araguaia, agora chamada de Ubirajaras.

O herói se casa com as virgens das duas nações: Araci, da tribo tocantim, e Jandira, da tribo araguaia. São agora uma só família:

"Ubirajara cingiu ao peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem.

— Araci é a esposa do chefe tocantim; Jandira será a esposa do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes e o senhor das florestas.

As duas nações, dos araguaias e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela campeava ainda nas margens do grande rio."

As personagens principais

- **Ubirajara:** protagonista e personagem-título, é o herói da história e o maior guerreiro araguaia. Forte, honrado, busca seu crescimento físico e moral dentro das tradições indígenas e por meio delas se fortalece cada vez mais, obtendo o respeito até de seus inimigos. Essa sua evolução — que não o diferencia das personagens planas do Romantismo, é bom que se diga — é registrada pelos diferentes nomes que assume durante sua trajetória de herói: Jaguarê (nome de caçador), Ubirajara (senhor da lança) e, posteriormente, como hóspede dos tocantins, Jurandir (o que veio trazido pela luz do céu). Como toda personagem romântica, é idealizado: bonito, corajoso, valente, honrado, perfeito.
- **Araci:** seu nome significa estrela do dia. Filha da velhice de Itaquê, cacique dos tocantins, é a virgem mais formosa de sua tribo e cobiçada por vários guerreiros. Ubirajara luta por sua posse e vence seus pretendentes, conquistando-a e fazendo-a feliz, pois ela o ama. No fim da história, aceita dividir o marido com Jandira, obedecendo à tradição.
- **Jandira:** virgem araguaia, filha de Majé, muito formosa, é prometida a Jaguarê e espera ser sua esposa, pois o ama profundamente e sente enorme orgulho de seu escolhido. É, no entanto, desprezada por ele e chega a tentar matar Araci, virgem tocantim. Impedida por Ubirajara de matar a rival, é entregue a ela como escrava. Ao final, acaba mudando sua opinião de que não se deve dividir o marido com outra e aceita ser também esposa de Ubirajara, juntamente com Araci, já que ele unira as duas tribos.
- **Pojucã:** terrível guerreiro tocantim, cujo nome significa "eu mato gente". É guerreiro chefe de sua tribo, mas não consegue usar o arco de seu pai e arremessar a flecha como o velho Itaquê. Inicialmente invencível, é vencido por Ubirajara, de quem se torna prisioneiro e por quem é depois liberto, a fim de que possa ajudar seu povo.
- **Itaquê:** é o velho e bravo cacique tocantim. Valente e forte, não conseguiu gerar um herdeiro tão forte como ele e seu pai, já que Pojucã não consegue usar o arco como ele. Corajoso e honrado, respeita todas as tradições de seu povo e luta até o fim: mesmo cego, tendo os olhos perfurados por duas flechas inimigas, mata Cranican, o chefe tapuia, abrindo seu crânio em duas partes.
- **Jacamim:** mulher de Itaquê, é digna do marido que tem, respeitando as tradições de seu povo e trabalhando na plantação conforme o costume indígena.
- **Pahã:** é o filho mais novo de Cranican, chefe tapuia morto por Itaquê. Seu nome significa "a seta" e é ele quem fere os olhos do cacique tocantim com duas flechas, cegando-o. Capturado por ordem de Ubirajara, é enviado a Itaquê para servir-lhe como guia, mas o velho cacique o liberta. É, no fim das contas, responsável por deixar os tocantins sem um líder e, indiretamente, contribui para a união das duas nações indígenas.

O foco narrativo

Todo autor, ao produzir sua ficção, gera — "a priori" — a voz que, de forma adequada ao conteúdo, "dialoga" com o leitor. Essa "voz" pode ser a de um *narrador-personagem* — também chamado *narrador-participante*. Neste caso, diz-se que há *foco narrativo em 1ª pessoa*; pode também haver uma voz "externa" ao enredo, um *conhecedor* do fato narrado. Este manifesta-se em 3ª pessoa (foco narrativo em 3ª pessoa) e pode ser apenas *observador* ou *onisciente*.

Tal é o que ocorre em *Ubirajara*: narrador-onisciente, ou seja, um narrador com poder de conhecer não apenas as ações de suas personagens, mas o que lhes vai no íntimo, não revelado verbalmente. O narrador-onisciente tem domínio absoluto do mecanismo verbal e psicológico das personagens.

O espaço

O autor mostra preocupação em registrar um “chão nacional”, quer dizer, um solo não contaminado pela civilização europeia, nativo. Assim o espaço é pré-cabralino.

Na visão romântica, então, esse solo constitui uma natureza paradisíaca, matas virgens em que atuam personagens aborígines, dotadas de caráter peculiar e cultura despoluída, intemerata.

O tempo

Dada a intenção ultranacionalista de Alencar, a narrativa se desenvolve no século XV, isto é, anterior à chegada de Pedro Álvares Cabral. A importância desse dado é enfatizar o caráter primitivista imposto à ação e que perpassa toda a construção da narrativa. Para mais caracterizar a estrutura da obra, o romancista se vale da técnica do *tempo cronológico*.

O estilo

José de Alencar tinha como ideal contribuir para criar uma “língua brasileira”, independente dos padrões do português de Portugal:

“Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduz nossos usos e sentimentos.

Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe de língua, que o nosso povo exerce o seu inauferível direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrasileirando o instrumento das ideias.”

[...]

O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?”

Assim, sua linguagem, além de marcar-se pelo seu estilo não se furtou à generosidade no emprego dos adjetivos — considerados excessivos sob a óptica atual, que preza a concisão, a economia vocabular — , dos advérbios e de figuras como a metáfora, a prosopopeia, a comparação (que lhe permitia, a um só tempo, exaltar a natureza e o índio, amalgamado a ela). Mas procurou, também, preservar a nossa oralidade, preferindo, sempre que possível, períodos e orações curtas e o uso dos pronomes átonos em próclise. Resulta daí uma linguagem exuberante, colorida, marcada pela plasticidade nas descrições, como observa o crítico Antônio Cândido:

“Em nenhum outro, porém, aparece melhor o trabalho de visualização artística, compondo uma atmosfera de cores, formas e brilhos para celebrar a poesia da vida americana. Aliás, seu exaltado senso visual era quase sempre diretamente descritivo, construindo por vezes certas visões sintéticas de um luminoso impressionismo [...]”

Atividades

1. O romance *Ubirajara* faz parte da chamada "trilogia indígena" dos romances de José de Alencar, a qual enfoca a questão do índio em três momentos de nossa História. A qual desses momentos se refere *Ubirajara*?

2. Em *Ubirajara*, o autor faz uma espécie de explicação, de esclarecimento ao leitor, no prefácio que ele chama "Advertência". Em que consiste esse esclarecimento?

3. Ao longo da narrativa, o protagonista recebe três nomes, que correspondem à sua evolução como grande guerreiro.

a) Qual é seu primeiro nome e o que significa?

b) Qual é o seu segundo nome o que significa?

4. O primeiro encontro entre Ubirajara e Araci ocorre na selva, por acaso, já que o protagonista estava procurando outra pessoa. A quem ele procurava? Por quê?

5. O que acontece a Ubirajara depois que Araci parte, deixando-o na mata? Em que medida tal acontecimento contribui para que ocorra um novo encontro entre os dois?

6. De que modo o encontro com Araci afeta os sentimentos de Ubirajara em relação a Jandira? Qual é a atitude dele em relação à noiva, a partir desse fato?

7. Em *Ubirajara*, a índia Jandira é absolutamente apaixonada pelo protagonista do romance. Inicialmente sua noiva, vê-se rejeitada por ele e destinada a outro, mas recusa-se firmemente a cumprir tal tarefa. Assim, resolve lutar com todas as armas para combater sua rival e acaba cometendo um ato indigno da honra indígena. Qual é esse ato?

8. Qual é a atitude de Ubirajara em relação a Jandira, quando descobre seu ato indigno?

9. De que forma Ubirajara se introduz na nação tocantim, a fim de rever sua amada Araci e com ela se casar?

10. No desfecho do romance, Ubirajara concretiza seu desejo de ser um grande chefe? De que maneira isso ocorre?